

VILA ESTRUTURAL

ONDE MORA EUTÍLDES MOREIRA CARDOSO

2006

1975

Os vizinhos do lixão carregam o orgulho de terem conquistado, com muita luta, o lugar onde vivem

"Não moro numa favela"

MARIA FERRI
DA EQUIPE DO CORREIO

Na Vila Estrutural, o que não falta é gente que sonha com uma vida mais digna. A realidade ali é dura. Os barracos e casas de alvenaria onde vivem mais de 25 mil pessoas foram construídos em volta do lixão. Não faltam moscas, mau cheiro, sujeira nas ruas que se misturam à lama, cachorros e carroças, gente que vive do que tira dos montes de lixo. Os moradores se sentem discriminados pelo fato de morar na invasão. Até emprego, segundo eles, é difícil de conseguir por esse motivo. Cansado de procurar uma vaga no mercado de trabalho, o morador Eutíldes Moreira Cardoso, 42 anos, resolveu abrir um boteco na Estrutural, o que muitos fazem para não passar fome — aliás, sobram botequins e igrejas evangélicas na Estrutural.

Eutíldes diz ser vítima do preconceito, como os demais ocupantes da área. "O sofrimento aqui já é grande e ainda ninguém nos respeita. Não nos dão emprego porque acham que aqui só mora bandido", critica. A realidade deles é bem diferente de outros moradores do DF, que nas cidades têm o privilégio de viver com 100% de água encanada e rede de esgoto, áreas de lazer, asfalto, escolas, postos de saúde e delegacias. Mas apesar da falta de quase tudo isso, Eutíldes diz que há motivos para comemorar os 46 anos de Brasília. Ele afirma que viveu dias muito piores. Mora na invasão há mais de 10 anos e viu cenas dramáticas. "Já foi muito pior. Hoje é uma maravilha perto do que passamos", conta. Como a maioria dos ocupantes, Eutíldes participou da invasão da Estrutural porque não tinha dinheiro para pagar aluguel e se sentia numa posição desconfortável por morar de favor na casa de parentes. "Preferi morar embolado num barraco do que ficar sem um lugar meu", diz.

Ele mudou-se com a mulher, Sueli Ferreira Cardoso, 52 anos, os dois filhos — Islani, 16, Wandererson, 14 — e os quatro filhos do primeiro casamento de Sueli, para um barraco de lona azul, na área onde hoje funciona a Cidade do Automóvel. Era 1994. Estava desempregado e não tinha condições de pagar aluguel e ainda sustentar os filhos. Passados quase 12 anos, Eutíldes continua na Estrutural,

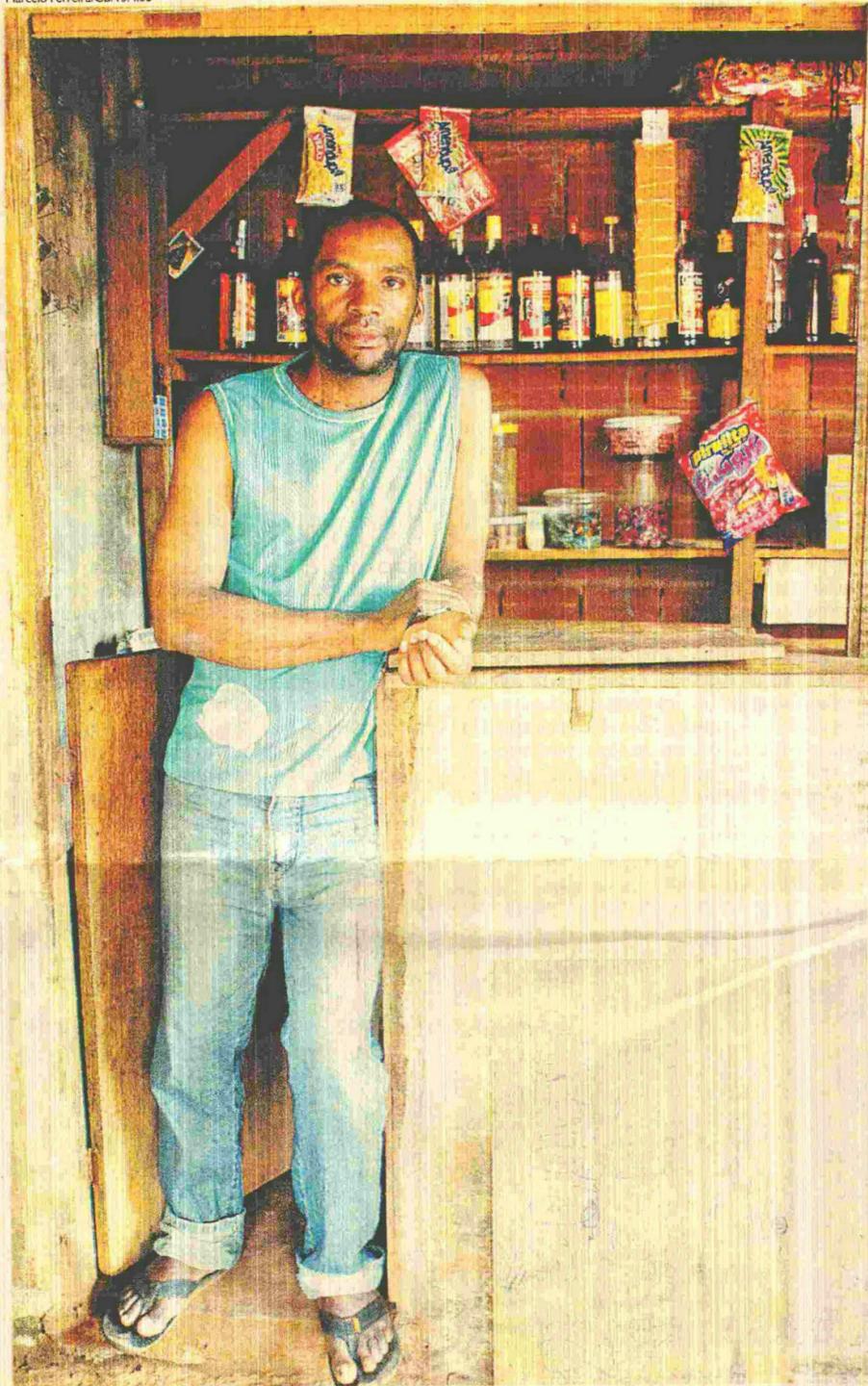
Dez anos atrás, Eutíldes enfrentou a polícia, junto com outros invasores, pelo direito de ter um teto para viver. E conseguiu: "Quería um lugar asfaltado, para acabar com o sofrimento. A lama entra na casa. Vive tudo sujo. Mas pior é quem vive na guerra"

mas numa posição melhor. "Em 1998, participei do confronto com a polícia, que tentou nos tirar na marra daqui. Duas pessoas morreram no combate. Agora já tenho um lar melhor", avalia o morador, que coleciona fotos do barraco e recortes de jornais da época, referentes ao confronto dos invasores com a polícia.

Eutíldes vive na quadra 3 da Estrutural. Há um ano, conseguiu levantar mais paredes para abrir o bar, junto à estrutura da casa de alvenaria, onde mora. Ainda falta o reboco, piso e o acabamento, mas ele está feliz com o que conquistou em Brasília. Dificuldades tem. Mas as enfrenta. Para mudar a realidade e o futuro, o morador voltou a estudar há dois anos. Hoje cursa a 5ª série do ensino fundamental. Quando conseguir juntar dinheiro, pretende voltar para Bom Jesus da Lapa, na Bahia, cidade onde cresceu. "Até me acostumei com a vida aqui. Quería um lugar asfaltado, para acabar com o sofrimento. A lama entra na casa. Vive tudo sujo. Mas pior é quem vive na guerra", conforma-se.

Embora acredite na regularização da Estrutural, Eutíldes diz que seria mais feliz se estivesse mais perto da família. "Acho que quem ficar aqui poderá ter um futuro melhor. A vida aqui mudou muito", avalia. Os barracos não predominam mais, apesar de muitos ainda vivem nessa condição. Boa parte dos moradores sobe paredes de alvenaria. Já há prédios e sobrados construídos. A Estrutural de hoje abriga padarias, mercadinhos, supermercados, uma igreja católica, mais de 80 evangélicas e uma casa de forró — o único ponto de lazer noturno, além dos bares com mesas de sinuca. Para quem vive ali, a Estrutural não tem mais cara de invasão. O povo agora até se incomoda, e muito, de o lugar ser chamado de favela.

Marcelo Ferreira/CB/13.4.06



Edilson Rodrigues/CB/11.4.06

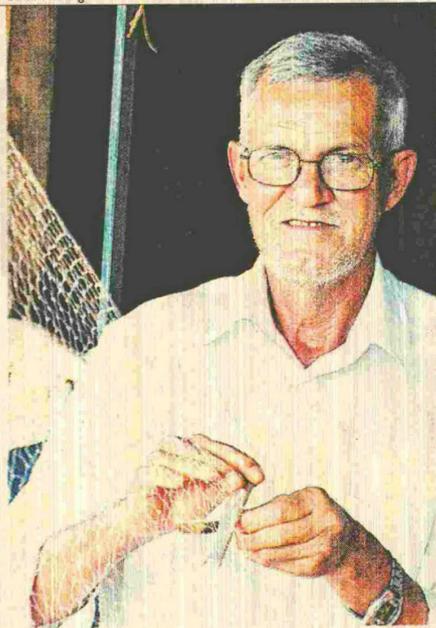
ITAPOÃ

ONDE MORA BENEDITO DE DEUS PASSOS

"É o meu Lago Sul"

Dados recentes levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que os que os ricos brasileiros ganham 19 vezes mais que os pobres. Mas é num desses bolsões de miséria que o vendedor de temperos Benedito de Deus Passos, de 60 anos, vive e se sente um privilegiado. Escolheu mesmo. Podia morar em outro lugar, porém está satisfeito de ser "dono" de um pedaço de terra num lugar de chão batido, poeirento nos períodos secos, lamacento nos chuvosos e sem infra-estrutura básica.

Bené tem como endereço a invasão onde vivem cerca de 85 mil pessoas, ao lado do Paranoá: a Vila Itapoã, que reúne ainda os loteamentos Del Lago, Fazendinha e Itapoã II. Um lugar de barracos de lona e de casas de alvenaria sem reboco, ruas estreitas e endereços confusos. De esgoto a céu aberto, lixo espalhado e de carroças e cachorros nas ruas. E de uma gente simples, sem perspectiva, que luta pela sobrevivência fazendo bicos, trabalhando para ganhar até menos que um salário mínimo, que acha até atrevimento sonhar com uma casa com piscina. O que os moradores querem é emprego, comida para colocar na mesa, escola para os filhos, mais linhas de ônibus e transporte alternativo e menos violência.



Essas são as cenas que Benedito quer ver no futuro. Mas hoje, apesar das dificuldades, diz que vive bem e feliz na avenida principal da invasão Del Lago, depois de deixar a casa no Paranoá para duas filhas. O goiano de Pinenópolis, de cabelos brancos, sorriso largo, 1,80 metro de altura, casado com a dona-de-casa Romilda Rosa Passos, 54 anos, pai de quatro filhos e avô de cinco netos, diz que não troca o loteamento irregular por nada. "Gosto do clima. Tem muita gente boa e decente neste lugar. Fiz muitas amizades" elogia Bené. "Aqui a pobreza é grande, mas moro num ponto muito bom, longe dos bolsões de miséria e violência. Aqui é o meu Lago Sul", brinca.

Depois de 40 anos de trabalho na roça, o peda-

Bené faz tarrafas e vende temperos na antiga invasão. Tem dia que entra dinheiro no caixa, tem dia que não. O tamanho das dificuldades de quase todos os 85 mil moradores foi o terreno perfeito para a solidariedade. "Um precisa do outro para sobreviver"

ço de terra no Itapoã foi tudo o que Benedito conseguiu na vida. Ele que já puxou enxada não se incomoda de morar sem conforto. Pelo contrário. Hoje se vê como um privilegiado. "Aqui e no Pará (em Rio Maria, onde ficou por dois anos trabalhando na roça) foram os locais onde ganhei mais dinheiro. Morei em cidades muito mais difíceis. Até para comer dava trabalho", conta. Ele preferiu não revelar o quanto recebe pela venda de temperos, feijão, alho e ervas que expõe em frente à casa onde mora. "Tem dia que não vendo nada. Mas o que vier, está bom", resigna-se o morador. "Aqui a gente vai levando. Só de viver já é uma felicidade."

Quando puder

Como Bené, as pessoas ali contornam a situação difícil. E são solidárias uma com as outras. "A gente tem que se ajudar", diz o morador, depois de vender um pacote de feijão e um saquinho de tempero para uma vizinha, que não tinha R\$ 4,50 para pagar a conta. A mulher pagará o fiado quando puder. Benedito também não sai do local nem para fazer compras. Vai ao mercadinho, padaria e a farmácia mais próximos. "Aqui tem tudo e um precisa do outro para sobreviver. Comércio é assim. Tem que ter giro".

Sentado numa cadeira na entrada da casa, o goiano passa os dias. Para não ficar ocioso, começou a confeccionar tarrafas com fios de nylon. Trança os fios o dia todo e nem é pescador. Faz isso para ganhar dinheiro. Ele vende cada tarrafa por R\$ 120. Quatro anos atrás, sem perspectiva de uma

vida melhor Benedito participou da invasão do loteamento Del Lago. Foi em setembro daquele ano. "Tinha o sonho de montar o meu negócio. Botei a lona nas costas e peguei um facão e fui à luta. Invasão de 11 lotes. Mas fiquei com três, um para cada uma das filhas", lembra.

Os outros foram vendidos para que Benedito levantasse o dinheiro que usou na construção da casa: com dois cômodos e banheiro. A moradia é simples. As paredes não tem reboco e o piso é de cimento. Os móveis e eletrodomésticos são poucos. Apenas cama, geladeira, fogão, uma prateleira e televisão, onde Benedito assiste às novelas. Não perde um capítulo. Além de ter participado da invasão, ele conhece a fundo a história do lugar. O filho dele, Adelson, 34 anos, vigiava o loteamento para o "suposto" dono das terras. "Ele ficava de olho para os outros não invadir", diz. O filho dele chegou a ser preso, quando a polícia flagrou máquinas abrindo ruas no loteamento irregular.

O presente no Itapoã é bem diferente. Sem medo de derrubadas, a maior parte dos moradores constrói casas de alvenaria. O loteamento cresce em ritmo alucinante. Prédios de três andares são construídos para que as salas sejam alugadas como moradias e comércios. A cidade tem até administração, chamada de Palácio do Pequi. E Bené agora sonha em ver tudo asfaltado, com redes de esgoto e policiamento. "Espero estar vivo quando isso acontecer. O que não falta para nós é esperança." O governo discute com a Caixa Econômica Federal um financiamento para construir o esgotamento sanitário na invasão. (MF)